

## **Marx e Foucault: por uma crítica do fenômeno algorítmico**

Marx y Foucault: hacia una crítica del algoritmo

Marx and Foucault: towards a critical approach to algorithms

---

VITOR VIEIRA FERREIRA<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo elencar algumas das principais contribuições da literatura especializada recente sobre o tema dos algoritmos e apresentar um panorama crítico sobre o tópico. Assim o fazemos, dedicando especial atenção especificamente àquelas que julgamos serem as mais profícuas chaves para a compreensão do fenômeno algorítmico nas plataformas digitais: o conceito de governamentalidade postulado por Michel Foucault, com especial atenção à sua interpretação do neoliberalismo; e a crítica da economia política do capitalismo em sua forma atual a partir da fortuna crítica de Karl Marx.

**Palavra-chave:** Algoritmos; neoliberalismo; governamentalidade; capitalismo.

**Resumen:** El presente artículo tiene por objetivo presentar algunas de las contribuciones clave de la literatura especializada reciente sobre el tema de los algoritmos, proponiendo así un panorama crítico sobre el asunto. Para ese propósito, prestamos especial atención a las claves que consideramos las más productivas para la comprensión del fenómeno algorítmico en las plataformas digitales: el concepto de gubernamentalidad, desarrollado por Michel Foucault, así como, en particular, su interpretación del neoliberalismo y la crítica de la economía política del capitalismo en su forma actual teniendo como base el pensamiento de Karl Marx.

**Palabras clave:** Algoritmos; neoliberalismo; gubernamentalidad; capitalismo.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português-Alemão, mestre e doutor em Linguística Aplicada, todas as titulações obtidas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Encontra-se atualmente como pesquisador bolsista junto à Fundação Casa de Rui Barbosa. Email: [vitor.vieira.ufrj@gmail.com](mailto:vitor.vieira.ufrj@gmail.com)

**Abstract:** This text aims to outline some main contributions from recent specialized literature on the topic of algorithms and thus presents a critical overview of the subject. We focus particularly on what we consider to be the most productive keys for understanding the algorithmic phenomenon on digital platforms: Foucault's concept of governmentality, with particular emphasis on his interpretation of neoliberalism, and the critique of political economy in contemporary capitalism, drawing from Marx's critical writings and its commentators.

**Keywords:** Algorithms; neoliberalism; governmentality; capitalism.

## Introdução

Há muito se tornou recorrente que na condição de pesquisadores, cientistas, intelectuais, estudantes etc. observemos com algum grau de inquietação, surpresa, admiração ou mesmo repulsa, a depender de quem se trate, as transformações de ordem social, cultural, psíquicas e econômicas levadas a cabo pelo progresso tecnológico alcançado pela humanidade neste século XXI. Sobretudo no que diz respeito à criação humana, quase que cosmogônica, de uma realidade digital paralela àquela outra que alguns julgam ser mais “real”, “verdadeira” ou “concreta”. Falamos aqui da internet, que, se inicialmente restrita a militares e cientistas da computação em universidades estadunidenses na década de 60 do séc. XX, à época chamada de “ARPANET”, hoje se mostra uma dimensão inalienável das atividades cotidianas diárias de centenas de milhares de indivíduos pelo globo (apesar da existência em paralelo de um sem-número de excluídos digitais que compõem o que em língua inglesa chamamos de “digital divide”). A ubiquidade, portanto, é uma das características mais recorrentes quando se pretende iniciar qualquer reflexão sobre os dispositivos que utilizamos, quase que a todo tempo, para nos mantermos conectados à “grande rede”. A estes dispositivos, podemos nos referir, a depender das filiações teóricas e metodológicas em questão, como (novas) tecnologias da informação e da comunicação (NTICs), *new media*, *computer mediated communication* e outros. Apesar de não nos caber fazer um apanhado histórico dessas tecnologias, fato é que o smartphone, mais especificamente, com sua capacidade de armazenamento e processamento de dados, velocidade de conexão à internet e tamanho reduzido é o grande responsável por nossa presença on-line constante. Conquanto não seja esse dispositivo o objeto central de nosso trabalho, convém que ele figure em nossas linhas iniciais para que cheguemos ao nosso tema central. Discorreremos neste artigo sobre os algoritmos, compreendidos estes a partir de uma

perspectiva crítica como uma técnica ou instrumento tecnológico que permeia o que chamaríamos despretensiosamente de “mundo digital”.

Nesse sentido, é nosso objetivo refletir sobre o grau de determinação que os algoritmos possuem sobre a experiência online dos indivíduos, partindo do pressuposto de que tal experiência digital corresponda efetivamente a processos de subjetivação (ou assujeitamento, alienação, reificação etc.); consumo, produção, reprodução ou recepção de produtos culturais; formação, expressão e/ou atuação política e, por fim, processos de comodificação e de transações comerciais. Para tanto, face aos limites de nosso texto e sem pretensões de que sejam esgotadas as questões aqui levantadas, sugerimos duas chaves de compreensão do fenômeno algorítmico na internet, sendo elas, a nosso ver, as mais profícuas: a) a contribuição Foucaultiana com seu conceito de governamentalidade e seu potencial de análise para a compreensão do neoliberalismo e b) a contribuição teórica marxista com vistas a uma crítica da economia política do capitalismo em sua forma contemporânea (quer o chamemos, *mutatis mutandis*, de capitalismo digital (SCHILLER, 2000; HUBERMAN, 2022; FUCHS, 2019), informacional (CASTELLS, 2004), de vigilância (ZUBOFF, 2019), de plataforma (SRNICEK, 2019) etc.).

### **Algoritmos: uma perspectiva crítica e materialista**

Como já se tornou inescapável nos estudos sobre algoritmos, é necessário iniciar nossas reflexões reiterando que o termo, antes de ser uma expressão corrente para se referir a uma funcionalidade de sites e plataformas digitais, encontra seus primeiros usos nos campos da Matemática e da Computação. Nos termos de Matzner (2024, p. 25), algoritmos, conforme são compreendidos nessas áreas até os dias de hoje, correspondem a “passos individuais de execução, formalmente codificados, com certas propriedades matemáticas”<sup>2</sup>, que seguem uma “lógica instrumental” e, em síntese, “transforma um determinado input em um output definido”. Por outro lado, compreendidos aqui como um elemento estruturante da experiência online hodierna, o termo “algoritmos” é o equivalente para as “recomendações algorítmicas”, i.e., um “mecanismo digital que absorve pilhas de dados de usuários, submete-os a uma série de equações e apresenta um resultado considerado o mais relevante para objetivos pré-estabelecidos”. Em síntese, espera-se que tais

---

<sup>2</sup> Tradução própria. O mesmo aplicar-se-á a todas as citações seguintes em língua inglesa.

“recomendações algorítmicas” sejam capazes de “interpretar e então nos mostrar o que queremos ver” (CHAYKA, 2024, s.p.).

Em termos históricos, foi no ano de 2009 que se inicia na internet aquilo que, segundo Eli Pariser, pode ser considerado o início da era da personalização na internet, em virtude de uma mudança significativa nos mecanismos de pesquisa utilizados pelo motor de busca Google, considerado hoje o mais utilizado no mundo. A partir daquele momento, segundo o autor, o Google passaria a levar em consideração:

*[...] cinquenta e sete sinais – incluindo coisas tais como onde você logou, qual navegador utilizou, o que pesquisou anteriormente – de modo a supor quem era você e que tipos de site você gostaria. Mesmo que você estivesse deslogado os resultados seriam customizados, sendo mostradas as páginas nas quais você estaria mais inclinado a clicar. Agora você recebe o resultado que o algoritmo do Google sugere que seja o melhor para você em particular – e uma outra pessoa poderá ver algo completamente diferente (PARISER, 2011, s. p.).*

Quando falamos em era da personalização na internet (já não mais regida pelo paradigma anterior do anonimato), portanto, pressupõe-se que caberá aos algoritmos o tratamento dos dados fornecidos pelos próprios usuários de forma autônoma; quer estejam ou não tais usuários plenamente consciente sobre seus usos pelas plataformas. Sob essa perspectiva, o que se apresenta superficialmente como uma funcionalidade que em tese aprimoraria a experiência do usuário – uma vez que as informações apresentadas tenderiam a corresponder de forma mais precisa às suas expectativas – se mostra na realidade um modelo de negócios característico, por sua vez, do capitalismo de plataforma, nos termos de Nick Srnicek. Segundo o autor (SRNICEK, 2017, s.p.), uma das características do capitalismo no séc. XXI é a centralidade de um tipo particular de matéria-prima: os dados, que em enormes quantidades são extraídos, analisados e monopolizados em um novo ambiente, as plataformas. Estas, prossegue o autor (ibid.), são infraestruturas digitais que, na condição de intermediadoras, possibilitam a interação entre dois ou mais grupos, reunindo em um mesmo espaço diferentes usuários: “consumidores, anunciantes, provedores de serviços, produtores, fornecedores e mesmo objetos físicos”.

Em paralelo à pretensa imaterialidade dos dados, o que se observa é: a) a predominância das plataformas digitais como os ambientes por excelência da experiência online atual – em grande medida bastante distinta daquela que outrora se observava por entre sites (e não redes sociais) aos quais chegávamos por meio de hiperlinks em tempos de Web 1.0.; b) a adoção massiva do smartphone, que, por sua mobilidade e funcionalidades, se

converteu no “aparato de gravação psicométrica que alimentamos com dados dia a dia, hora a hora até” (HAN, 2022, s.p.) (contrapondo-se também, assim, à experiência digital proporcionada pelos computadores de mesa) e c) o crescente poderio econômico, cultural e político das chamadas big techs, i.e., empresas que inseriram a lógica algorítmica em suas plataformas e que hoje gozam de receitas e valores de mercado bilionários. Acrescente-se ainda a onipresença invisível dos algoritmos nos “aplicativos que carregamos conosco em nossos celulares, ainda que seus dados estejam hospedados fisicamente em algum lugar distante, dentro de fazenda de servidores com ar-condicionados situadas em obscuros locais em uma paisagem natural” (CHAYKA, 2024, s.p.). Se falamos em algoritmo, nos referimos, então, por extensão metonímica, a um fenômeno social, cultural e sobretudo econômico, no qual dispositivos ao alcance imediato e constante de nossas mãos agem como mineradores de dados para empresas que têm no behavioral targeting um exitoso modelo de negócio.

Desse modo, parece-nos imperioso que compreendamos tal fenômeno a partir de uma perspectiva crítica e materialista. Por crítica, nos remetemos à constatação da existência de assimetrias de poder, partindo do princípio básico de que há “grupos de pessoas que se beneficiam na sociedade às custas de outros, utilizando-os para suas próprias finalidades e obtendo vantagens que não beneficiam a sociedade como um todo ou aqueles que estão sendo usados” (FUCHS, 2014a, p. 7). Por materialista, o que se pretende é uma crítica da economia política do capitalismo em seu estágio atual que dedique especial atenção aos processos de acumulação de capital, às relações de classe, às formas gerais de dominação, à crítica da ideologia e aos movimentos sociais (FUCHS, 2014b, p. 51).

Sabidamente, uma abordagem declaradamente materialista tem na tradição intelectual do pensamento marxista uma de suas mais vigorosas raízes. A este respeito, o que nos parece mais digno de menção é o reconhecimento da sobredeterminação, em algum grau (a exata medida há muito vem sendo objeto de discussão), da dimensão econômica constitutiva das plataformas digitais e seus algoritmos quanto à experiência online de seus usuários, cujo grau de concretude não se distingue, ontologicamente, daquele das experiências offline. Ademais, conforme aponta Fuchs (2019, p. 54 et seq.), a relevância da obra de Marx se mantém crucial para a compreensão do tempo presente na medida em que, dentre outros, seus escritos contribuem para uma

compreensão do capital e da forma mercadoria em contexto de comodificação da força de trabalho digital, das tecnologias digitais e das audiências online.

Se, por um lado, destacamos em nosso trabalho a determinação, em última instância, das forças econômicas sobre práticas sociais online e offline, devemos ainda pontuar que o modo de produção capitalista não pode prescindir de um aparato simbólico que lhe garanta legitimidade e que garanta que os indivíduos exerçam seus devidos papéis na divisão social do trabalho por ele pressuposta. Caso nos mantenhamos na tradição marxista, torna-se inevitável que nos remetamos à premissa básica de que “[o]s pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (MARX & ENGELS, [1932], 1998, p. 48).

### **Primeira chave: Neoliberalismo, governamentalidade, Foucault**

Quando falamos em neoliberalismo ou pensamento neoliberal, é necessário reconhecer que tais expressões isoladamente pouco têm efetivamente a dizer, quer seja por não raramente serem utilizadas como um termo vago e com intenções denunciatórias em debates políticos, quer seja pelo fato de que seus representantes não se intitulam “neoliberais”. Teríamos com o termo um “*loose and shifting signifier*” de acordo com Brown (2015, p. 30) ou um “*amorphous catch-all term*”, segundo Biebricher (2018, p. 4). Não obstante, “a despeito de seus inconvenientes, o neoliberalismo pode ser considerado um promissor candidato na busca por uma terminologia aplicável ao mundo contemporâneo e que seja crítico em seu diagnóstico” (id., *ibid.*, p. 5).

Em termos mais gerais, costuma-se classificar como “neoliberal” a fase atual do capitalismo, com marcos iniciais que datam dos anos de 1970 e 1980 e que tem no Consenso de Washington – um conjunto de medidas de política econômica propostas por economistas e instituições financeiras, tais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos – uma de suas referências. Seu prefixo “neo” pressupõe a tese da crise do liberalismo clássico, incapaz de propor soluções para problemas como a concentração de recursos por parte de grandes empresas, o surgimento de grandes grupos cartelizados, o desenvolvimento de técnicas de venda que passavam ao largo da pretensa soberania do consumidor, as práticas dominadoras e os acordos por parte de monopólios e oligopólios que

tornavam desleal a competição entre as empresas e a corrupção na vida política (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 41). Nesse contexto, o neoliberalismo surge como uma força intelectual com pretensões de atuação política refratária aos modelos keynesianos de atuação do Estado, ao fascismo e, evidentemente, à experiência socialista soviética.

Para além de um conjunto de medidas político-econômicas, é possível ainda compreender o neoliberalismo como um conjunto de ideias, crenças e princípios que se disseminam por práticas cotidianas que não pertencem necessariamente às dimensões políticas e econômicas da sociedade, embora não lhes escape. Correspondendo ao que poderíamos chamar de uma abordagem ideacional do neoliberalismo, ampliamos seu espectro de determinação nas práticas sociais para além daquele previsto para medidas de políticas econômica levadas a cabo pelo Estado e\ou por instituições privadas. É o que se observa, por exemplo, uma vez consideradas as diferentes caracterizações encontradas na literatura especializada para se referir ao termo: uma doutrina e prática social relacionada (“*doctrine and a related social practice*”) (cf. HOWARD & KING, 2004, p. 40), um projeto intelectual (“*intellectual project*”) (BIEBRICHER, 2018, p. 8), uma mentalidade política (“*political mindset*”) (cf. HOLBOROW, 2012, p. 14), uma ordem de razão normativa ou racionalidade governamental (“*order of normative reason*”, “*governing rationality*”) (BROW, 2015, p. 30), dentre outros.

Em grande medida, essa forma de compreender o neoliberalismo tem como ponto central de partida o conceito de governamentalidade presente nas obras de Foucault, em especial em sua obra “*Naissance de la biopolitique*” (FOUCAULT, 2008a). Se este é nosso ponto partida, eis a tese que corresponderia ao nosso ponto de chegada: “o neoliberalismo é uma governamentalidade algorítmica”. Posta nestes termos, tal tese é a expressão da adoção da perspectiva foucaultiana por parte da literatura especializada em português sobre o tema dos algoritmos (não obstante não seja a única); ela corresponde, inclusive, precisamente ao título de um artigo escrito por Lucas Paulo Vilalta (2020). Igualmente expressiva é a menção ao conceito de governamentalidade em quatro dos nove artigos que compuseram o dossiê de título “O Governo dos Algoritmos: A Morte da Política” (“Tornar a revolta impossível”, de Thomas Berns, Maria Cecília Pedreira de Almeida e Marco Antonio Sousa Alves; “É possível evitar vieses algorítmicos”, de Carlos Henrique Barth; “O governo das condutas e a constituição da subjetividade: um estudo da sociedade de controle do tipo algorítmica”, de Sergio Fernando M.

Corrêa, Salomón Abasto Macías e “Governo algorítmico e conexões: novos aspectos da subjetividade a partir de Michel Foucault” ,de Jefferson Silva e Marcius Tadeu Maciel Nahur), publicado em 2020 na Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, uma publicação do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Por fim, também não por menos, essa mesma publicação conta com uma entrevista com Antoinette Rouvroy, traduzida por Maria Cecília Pedreira de Almeida e Marco Antonio Sousa Alves, sendo ela “uma das principais referências mundiais no que se refere ao uso dos big data e de algoritmos nas sociedades modernas, tendo cunhado o termo, juntamente com Thomas Berns, de ‘governamentalidade algorítmica’, agora bastante estudado e difundido” (ROUVROY, 2020, p. 15).

Para Rouvroy (ibid., p. 17), “[a] governamentalidade algorítmica é a hipótese de um governo do mundo social que se baseia no processamento algorítmico de grandes volumes de dados [big data] e não em políticas, leis e normas sociais”, ou ainda, um “modo de governança não mais visto como externo à vida, mas construído como uma forma participativa de autogoverno interna aos contornos da complexidade social e natural”. Considerada a própria lavra foucaultiana, o conceito de governamentalidade é definido pelo pensador francês como o:

*[...] conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o de toda uma série de saberes (FOUCAULT, [1978] 2008b, p. 143-4).*

Conforme destaca Neto (2019, p. 2), “ao introduzir o eixo da governamentalidade em suas pesquisas a partir de 1978, Foucault foi conduzido a retomar o tema da subjetividade não apenas na perspectiva das ‘práticas coercitivas’, como vinha fazendo antes, mas no âmbito das práticas de si e das práticas de liberdade”, de modo que a subjetividade, prossegue o autor, “passou a ser pensada como uma faceta distinta da alma docilizada do poder, pelas práticas coercitivas, até então o foco de suas pesquisas”. É neste sentido que Han afirma:



*O capitalismo da informação se apropria das técnicas de poder neoliberais. Em oposição às técnicas do poder do regime disciplinar, não trabalham com coação e interdições, mas com estímulos positivos. Exploram a liberdade, em vez de a reprimir. Conduzem nossa vontade a âmbitos inconscientes, em vez de romper com ela com violência. O poder disciplinar repressivo dá lugar a um poder smart, que não dá ordens, mas sussurra, que não comanda, mas que nudge, quer dizer, que dá um toque com meios sutis para controlar o comportamento. Vigiar e punir, as características do regime disciplinar de Foucault, dão lugar a motivar e otimizar. No regime de informação neoliberal, a dominação se dá como liberdade, comunicação e Community, comunidade (HAN, 2022, s.p.).*

Compreender criticamente, portanto, o fenômeno algorítmico a partir do conceito de governamentalidade corresponde à percepção de que os algoritmos, enquanto elementos técnicos estruturantes das plataformas digitais contemporâneas, tornadas ubíquas graças à igual ubiquidade característica dos smartphones, atuam como dispositivos de controle que operam a partir não da coerção, mas da prática pretensamente livre de seus usuários. Com isso, a governamentalidade algorítmica se converte na tecnologia por excelência do neoliberalismo por capaz de realizar, na concretude das práticas sociais contemporâneas, a sua mais nociva pretensão totalizadora. É o que se lê em Brown:

*Em contraste com uma forma de compreensão do neoliberalismo como um conjunto de medidas a serem tomadas pelo estado, uma fase do capitalismo ou uma ideologia que deixa o mercado livre para recuperar a rentabilidade para uma classe capitalista, junto-me a Michel Foucault e outros no sentido de conceber o neoliberalismo como uma ordem de razão normativa que, tornada predominante, assume a forma de uma racionalidade governativa estendendo uma formulação de valores, práticas e métricas econômicas a cada dimensão da vida humana (BROWN, 2015, p.30).*

## **Segunda chave: Marx, crítica da economia política**

Se na seção anterior buscamos mostrar como a contribuição foucaultiana para uma compreensão crítica do fenômeno algorítmico se faz presente na literatura especializada em português sobre o tema, identificamos, por ora, um cenário distinto no que concerne à contribuição do pensamento de Marx. Longe de buscarmos razões para tal, há de se destacar que, tomando por referência o mesmo dossiê supracitado, em nenhum de seus textos se verifica uma referência explícita ao pensador alemão ou a seus comentadores. Com o objetivo de preencher essa lacuna, apontamos de forma sumária para algumas das questões que emergem quando nos defrontamos com o fenômeno algorítmico a partir de uma perspectiva marxista – questões estas que se aplicam, por extensão, às plataformas e redes sociais na internet.

Em primeiro lugar, conforme pontuado anteriormente, uma das dimensões da vida social que é especialmente cara à análise a partir do pensamento marxista

é aquela relacionada aos processos de acumulação de capital. Assim, de acordo com Fuchs (2014b, p. 57), “uma análise marxista da internet e das redes sociais começa com a análise da exploração, da classe e da comodificação na Internet”. No ambiente digital, segundo o autor, o tempo gasto pelos usuários em plataformas e redes sociais para a produção de conteúdos culturais e simbólicos correspondem, na prática, a um processo de “*prosumer commodification*” que se transforma em capital econômico. Toda a experiência do usuário, portanto, equivale, em termos econômicos, à produção de *data commodities* – junto às quais os algoritmos exercem um papel indispensável e que serão posteriormente vendidas a anunciantes pelos operadores das plataformas. Com isso, há de se falar aqui na exploração do trabalho digital, tendo por referência três elementos em especial: coerção, alienação e expropriação:

*Coerção: usuários são ideologicamente coagidos a utilizarem plataformas comerciais para que estejam aptos a se engajarem em interações comunicativas, compartilhamento, criação e manutenção de relações sociais, sem as quais suas vidas seriam menos significativas. [...]*

*Alienação: companhias, não os usuários, controlam as plataformas e o lucro obtido. [...]*

*Expropriação: O valor (tempo de trabalho) das data commodities transforma-se em dinheiro que é adquirido, privativamente, pelas corporações (FUCHS, 2014b, p. 58).*

Ainda conforme o autor, deve ser destacado o postulado neoliberal de que toda e qualquer dimensão da vida humana é submetida a uma lógica mercantil, de modo que a extração de mais-valia, com vistas a uma obtenção sempre a maior possível de lucro, ultrapassa os limites da produção fabril e industrial para transformar os ambientes digitais em um espaço de exploração de trabalho imaterial. Daí afirmar Fuchs (ibid., 59) que “[a] comodificação do usuário de internet é parte da tendência da comodificação de todas as coisas, que resultou na generalização da fábrica e da exploração” e que “[o] capitalismo neoliberal ampliou em larga medida os limites daquilo que é tratado como uma mercadoria”. Ademais, prossegue o autor, ao observarmos a internet em sua atual forma, colonizada pelos imperativos econômicos do capitalismo neoliberal, é possível reconhecer diferentes formas de trabalho com suas particulares contradições de classe:

*O trabalho dos desenvolvedores de software, pagos com um salário relativamente alto, e os trabalhadores proletarizados mal pagos nas empresas de internet, o trabalho não pago dos usuários, o sangrento trabalho taylorista, altamente explorado e o trabalho escravo em países em desenvolvimento produzindo hardware e extraído minérios de conflito (id., ibid., p. 60).*

Um segundo tópico, bastante caro ao pensamento marxista desde seus primórdios, corresponde ao conceito supracitado de alienação, cuja crítica parece ter sido posta de lado mais recentemente – algo que para Andrejevic (2014, p. 181) se mostra sintomático da ideologia da pós-materialidade. Segundo essa ideologia, não haveria de se falar em alienação na medida em que a produção do trabalho imaterial por parte dos usuários das plataformas digitais não se dá de forma coercitiva. Parece ser prematura, porém, para o autor, essa recusa da crítica da alienação em um mundo no qual:

*[...] nossa própria atividade gera dados que outros podem agregar, minerar, classificar e analisar com o objetivo de gerar formas de nos manipular mais efetivamente, de nos incluir ou excluir do acesso a empregos ou oportunidades educacionais, de ter acesso a cuidados médicos ou outras formas de seguro ou benefício (id., ibid., p. 182).*

Nesta esteira, para além daquelas experiências online em plataformas cujo foco central de utilização é a produção, o consumo e/ou o compartilhamento de conteúdo cultural, remete-se o autor ainda ao fato de que também em outros contextos institucionais aplica-se a lógica algorítmica, de modo que os indivíduos relacionados a estas instituições também se veem reduzidos, ao fim e cabo, a um conjunto de dados (não seria descabido mencionar aqui, considerando nossa atual realidade brasileira, o exemplo do Score Serasa). Daí ser possível que falemos de uma “alienação algorítmica”, no sentido de que “decisões automatizadas baseadas em bancos de dados gigantescos e formas complexas de coleta de dados irão moldar decisões institucionais que influencia as chances de vida de um número crescente de pessoas em um conjunto crescente de contextos” (id., ibid., p. 189).

Em terceiro lugar, destacamos o que Jin (2016, p. 322) descreve como a evolução do imperialismo ao longo dos séculos XX e XXI, até que cheguemos, em tempos hodiernos, ao chamado imperialismo de plataforma. Inicialmente, devemos nos recordar que, de uma perspectiva marxista clássica, há uma relação intrínseca entre o sistema de produção capitalista e a constante e inalienável necessidade de sua expansão, cujo resultado político é o imperialismo. Partindo disto, Jin argumenta que as plataformas, hoje tornadas cruciais para os fluxos de comunicação entre os indivíduos ao redor de todo o globo, se caracterizam por um câmbio desigual de tecnologia e, portanto, de capital, de modo a se observar hoje o domínio tecnológico das companhias com sedes nos Estados Unidos. Tal domínio, por sua vez, destaca ainda o autor (JIN, 2016, p. 338), tem como uma de suas forças motrizes a intervenção direta do governo estadunidense, garantindo que se estabeleça, assim, uma

homologia entre a expansão do poderio econômico e político dos Estados Unidos e a expansão das plataformas pelo resto do mundo. É o que se observa, a título de exemplo, com o envolvimento ativo do governo estadunidense na legitimação do discurso do fluxo livre de informações por meio das redes digitais, a serem devidamente tratadas por seus algoritmos.

Em grande medida, a constatação de um projeto de expansão de natureza imperialista por parte das *big techs* se mostra em consonância com o chamado “colonialismo de dados”, outra importante expressão recorrente na retórica crítica sobre os algoritmos. Conquanto esta nova forma de colonialismo não assuma necessariamente contornos conceituais estritamente marxistas, lhe é inescapável a crítica do pensamento neoliberal e, por óbvio, da manutenção de mecanismos de dominação cultural e econômica por parte de países ricos. A esse respeito, Silveira afirma o seguinte:

*A colonialidade se apresenta como a imposição de modelos de pensamento, de agenciamentos, de comportamentos que negam ou desvalorizam epistemes, modos de aprender e conhecer das comunidades e das sociedades não ricas, também expulsa do que deve ser considerado normal à ideia de autonomia, de busca por caminhos diferentes, de toda tentativa daqueles que fogem aos interesses da economia e das suas principais corporações (SILVEIRA, 2021, p. 36).*

Nesse sentido, findado o colonialismo histórico, as grandes corporações transnacionais da economia digital, seguindo o fluxo globalizado do capital, colonizam as sociedades com seus dispositivos de coleta de dados e ocasionam, por conseguinte, o empobrecimento dos países periféricos.

Seja dito, aspectos, reflexões e categorias outras derivadas da lavra de Marx e de seus comentadores poderiam ser aqui mencionadas com vistas a um tratamento crítico do fenômeno algorítmico – expressão contemporânea por excelência da implementação totalizante da razão instrumental em todas as dimensões da vida social e psíquica por meio de ubíquos dispositivos digitais. De nossa parte, convém reiterar que sua contribuição crítica manter-se-á necessária enquanto nós, enquanto seres humanos, sociáveis e históricos, estivermos em condições de vislumbrar um mundo no qual os imperativos econômicos da obtenção máxima de lucro através da exploração do trabalho, quer seja ele material ou imaterial, não sobredetermine nossa existência.

## **Considerações finais**

O fenômeno algorítmico é uma realidade incontornável. Para além de um procedimento técnico do campo da computação, o tratamento de quantidades

massivas de dados por parte das empresas responsáveis pelas plataformas digitais é um processo ininterrupto e que não somente determina o tipo de experiência online que seus usuários têm, mas também eleva as *big techs* ao nível de poderosos atores econômicos em cenário global e nacional. Estar conectado e fazer uso das plataformas por meio de um smartphone não corresponde tão somente a dispor de ferramentas que facilitam atividades diárias. Mais do que isso, as tecnologias de monitoramento constante, responsáveis por identificar nossa posição geográfica, nossas preferências por produtos, o tipo de conteúdo on-line que consumimos etc. nos insere em um ciclo de produção constante de capital, convertendo os usuários em produtores de trabalho imaterial, na medida em que estes alimentam deliberadamente as plataformas com seus dados.

É bastante improvável que as grandes empresas de tecnologia algum dia tornem públicas as linhas de códigos responsáveis na prática por nos recomendar este ou aquele produto, que elas esclareçam os perfilamentos realizados de seus usuários ou que divulguem com toda a clareza com quais outras empresas ou mesmo órgãos públicos compartilham os dados coletados. Nesse sentido, não estamos em condições de acessar efetivamente as “engrenagens do mundo digital”. Porém, a literatura especializada já foi capaz de consolidar uma perspectiva suficientemente crítica e capaz de identificar no fenômeno algorítmico um instrumento de governamentalidade que se mostra inexoravelmente regido por uma lógica mercantil com vistas à produção de capital e à obtenção de lucro. O que se buscou, portanto, ao longo das linhas anteriores, foi apresentar aquilo que, a nosso ver, correspondem às duas linhas de interpretação sobre os algoritmos que mais se aproximam desta perspectiva materialista crítica sobre o tema. Com isso, queremos dizer que mais do que considerá-los elementos técnicos neutros, eles se prestam a atuar como dispositivos de controle, de subjetivação, de reprodução ideológica e, ao fim e ao cabo, da legitimação e reprodução do sistema capitalista em sua fase atual.

Efetivamente, Marx e Foucault inauguram, cada um a seu modo, linhas distintas de reflexão e naturalmente nos levam a conjuntos distintos de categorias e conceitos. Dessa forma, não prevemos para este artigo um cotejamento mais aprofundado. De outra maneira, nossa singela contribuição consiste em reafirmar a validade de ambas as abordagens para o tratamento do fenômeno algorítmico. Mais especificamente, destacamos por fim haver ainda um campo fértil para a reflexão sobre o tópico com base em categorias marxistas – tais como alienação, trabalho imaterial, imperialismo, mais-valia,

crítica da ideologia etc. – em comparação a uma adoção em alguma medida já consolidada da contribuição foucaultiana ao debate.

## Bibliografia

ANDREJEVIC, Mark. Alienation's Returns. In: FUCHS, Christian.; SANDOVAL, Marisol. (Orgs.). **Critique, social media and the information society**. New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014. P. 179-190.

BIEBRICHER, Thomas. **The political theory of neoliberalism**. Stanford, California: Stanford University Press, 2018.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books, 2015.

CASTELLS, Manuel. **The network society: a cross-cultural perspective**. Cheltenham: E. Elgar, 2004.

CHAYKA, Kyle. **Filterworld: how algorithms flattened culture**. New York: Doubleday, 2024.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978- 1979)**. São Paulo (SP): M. Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População. Curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2008b.

FUCHS, Christian. Karl Marx in the Age of Big Data Capitalism. In: CHANDLER, David; FUCHS, Christian. (Orgs.). **Digital objects, digital subjects: interdisciplinary perspectives on capitalism, labour and politics in the age of big data**. London: University of Westminster Press, 2019. P. 53-71.

\_\_\_\_\_. **Social media: a critical introduction**. Los Angeles, Calif.: Sage Publ, 2014a.

\_\_\_\_\_. Critique of the Political Economy of Informational Capitalism and Social Media. In: FUCHS, Christian.; SANDOVAL, Marisol. (Orgs.). **Critique, social media and the information society**. New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014b. P. 51-65.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Tradução: Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

HOLBOROW, Marnie. What is neoliberalism? Discourse, ideology and the real world. In: BLOCK, David; GRAY, John; HOLBOROW, Marnie. **Neoliberalism and applied linguistics**. London; New York: Routledge, 2012. P. 14-32.

HOWARD, Michael C. & KING, John E. The rise of neo-liberalism in advanced capitalist economies: towards a materialist explanation. In: ARESTIS, Philip & SAWYER, Malcolm (org.). **The rise of the market: critical essays on the political economy of neo-liberalism**. Cheltenham, UK; Northampton, MA, USA: Edward Elgar, 2004. P. 38-73.

HUBERMAN, Jenny. **The spirit of digital capitalism**. Cambridge; Hoboken, NJ: Polity Press, 2022.

JIN, Dal Yong. The Construction of Platform Imperialism in the Globalisation Era. In: FUCHS, Christian; MOSCO, Vincent. (Orgs.). **Marx in the age of digital capitalism**. Leiden Boston: Brill, 2016. P. 322-349.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATZNER, Tobias. **Algorithms: technology, culture, politics**. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, Taylor & Francis Group, 2024.

MIROWSKI, P. **Never let a serious crisis go to waste: how neoliberalism survived the financial meltdown**. London: Verso, 2013.

NETO, João Leite Ferreira. Foucault, Governamentalidade Neoliberal e Subjetivação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. UnB, Brasília, v. 35, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ptp/i/2019.v35/>> Acesso em 10 set. 2024. P. 1-10.

PARISER, Eli. **The Filter bubble – What the Internet is Hiding from You**. New York: The Penguin Press, 2011

ROUVROY, Antoinette. Entrevista com Antoinette Rouvroy: Governamentalidade Algorítmica e a Morte da Política. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. UnB, v. 8, n. 3, dez. 2020. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/issue/view/2176>>. Acesso em 10 set. 2024. P. 15-28.

SCHILLER, Daniel. **Digital capitalism: networking the global market system**. 1. MIT Press paperback ed ed. Cambridge, Mass. London: MIT Press, 2000.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sergio Amadeu da (Orgs.). **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra liberal**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021. P. 33-51.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Reprinted ed. Cambridge Malden, MA: Polity, 2019.

VILALTA, Lucas Paolo. O neoliberalismo é uma governamentalidade algorítmica. **Revista Lacuna**. N. 9, julho. 2020. Disponível em <<https://revistalacuna.com/2020/07/27/n-9-07/>> Acesso em 10 set. 2024. P. 7.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2019.

Recebido em: 10/09/2024

Aceito em: 25/11/2024